

# O desejo da mímica e a consolidação da emergência de branquear e educar, concebida por Silvio Romero

Mariana Moreno Castilho\*

## Resumo

Este artigo se centrará em entender como se articulou e delineou-se entre os intelectuais brasileiros do início da Primeira República, o *desejo da mímica*, ou seja, o desejo de ser o Outro, o europeu “branco” e “civilizado”. Esta discussão partirá do discurso de Silvio Romero, compreendendo-o como um membro da elite cultural brasileira no contexto assinalado.

**Palavras-chave:** elite cultural- Silvio Romero- desejo da mímica- “civilizado”.

## Abstract:

The purpose of this article is try to understand how was articulated the desire of mime, in other words, the desire of being the Other, the “white” and “civilized” european in the context of the First Republic among brazilian intellectuals. This discussion will start on the speech of Silvio Romero that is recognized as a member of the brazilian cultural elite in the pointed out context.

**Keys- word:** Cultural elite- Silvio Romero- desire of mime- “civilized”.

Neste artigo, pretendemos primeiramente entender porque Silvio Romero enquadrrou-se como pertencente à elite cultural brasileira, no contexto da Primeira República. Em seguida perpassaremos por seu discurso, inserido no contexto assinalado, delineando como articulou-se o desejo da mímica, ou seja, o desejo de ser o Outro, o europeu “branco” e “civilizado”.

Iniciaremos esta discussão apresentando um fragmento da obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*:

Abramos um parêntesis ...

A mistura de raças mui diversas é, na maioria dos casos, prejudicial. Ante a conclusão do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas da inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso .

O indo-europeu , o negro e o brasílio-guarani ou tapuia, exprimem estádios evolutivos

---

\*Mestranda da UFSC. Orientanda da prof. Dr. Cynthia Machado Campos. Pesquisa financiada pelo CNPQ.

que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivescência dos últimos... Não se compreende que após divergirem extremamente, através de largos períodos entre os quais a história é um momento, possam dois ou três povos convergir, de súbito, combinando constituições mentais diversas...<sup>ccclvii</sup>

No trecho citado, Euclides da Cunha evidencia influências deterministas e evolucionistas. Tais como ele, Silvio Romero, Graça Aranha, Nina Rodrigues, entre outros intelectuais do início da Primeira República, estamparam em seus respectivos discursos influências das teorias raciais originárias da Europa e dos Estados Unidos.

Teorias que, como pontua Lilia Moritz Schwarcz, essas “elites intelectuais [...] adotaram de forma original”, acomodando “modelos cujas decorrências teóricas eram originalmente diversas”<sup>ccclviii</sup>, utilizando o que combinava e descartando “o que de certa forma era problemático para a construção de um argumento racial no país.”<sup>ccclix</sup>

Todos esses intelectuais podem ser considerados, segundo Sirinelli, como pertencentes a uma elite cultural “não só pelo seu poder e pela sua influência intrínsecas, como também pela própria imagem, que o espelho social reflete.”<sup>ccclx</sup>

Graça Aranha e Euclides da Cunha tiveram suas respectivas obras, *Canaã* e *Os Sertões*, ambas publicadas em 1902, reverenciadas no período assinalado. *Canaã* foi muito lida e discutida até a I Guerra Mundial, sendo depois menosprezada enquanto obra literária. *Os Sertões*, poucas semanas após o seu lançamento, foi considerado “um ‘clássico’ e seu autor aclamado como a última sensação literária”<sup>ccclxi</sup> da literatura brasileira, sendo recebido em 1906, na Academia Brasileira de Letras, com um discurso proferido por Silvio Romero.

Nina Rodrigues, professor de Medicina da Faculdade da Bahia, desenvolveu o campo de etnologia afro-brasileira e Medicina Legal. Tornou-se o principal doutrinador racista brasileiro dessa época e por isso foi muito lido por todos que se interessavam por defender a superioridade do branco sobre o negro e o índio, ganhando assim grande notoriedade no período.

Silvio Romero, crítico, folclorista, professor e historiador da literatura brasileira, adquiriu fama nesse período como crítico literário. Nasceu em Lagarto, Sergipe (1851), e veio a falecer no Rio de Janeiro (1914). Fundou a cadeira nº17 na Academia Brasileira de Letras, escolhendo como patrono Hipólito da Costa. Formou-se na Faculdade de Direito do Recife e, posteriormente, veio a lecionar na Faculdade Livre de Direito e na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro.

Enfim, tanto Graça Aranha como Nina Rodrigues, Euclides da Cunha e Silvio Romero foram intelectuais respeitados no período, tendo construído discursos que obtiveram grande poder de ressonância, pois as idéias acabam por

refletir “a sociedade que as rodeia”<sup>ccclxii</sup>, ou seja, que as cria, defende e propaga. Portanto, as elites culturais “auto definem-se e auto proclamam-se precisamente porque o seu estatuto induz um poder de ressonância e de amplificação”<sup>ccclxiii</sup>, refletindo assim a concepção de uma época.

Enfocaremos em nossa discussão alguns discursos de Silvio Romero que, ao destacar-se como crítico literário, inseriu-se dentro de uma ordem discursiva que predominou no início da Primeira República. Como nos aponta Foucault, “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo”<sup>ccclxiv</sup>. E assim ocorreu com Silvio Romero no período assinalado.

Romero teceu em suas obras um olhar e uma percepção do início da Primeira República, estabelecendo “uma cumplicidade primeira com o mundo fundando para nós a possibilidade de falar dele, nele; de designá-lo e nomeá-lo, de julgá-lo e de conhecê-lo, finalmente sob a forma da verdade”<sup>ccclxv</sup>.

No entanto, essa verdade a que Foucault se refere distingue-se da verdade cartesiana. Para se ter acesso a essa “verdade” torna-se necessário uma conversão do sujeito. O sujeito, ao postular a verdade, está nela postulado. Logo, o conhecimento é colocado como um movimento intrínseco ao sujeito, ao contrário da verdade cartesiana, que é um movimento extrínseco. E será justamente essa “verdade” postulada por Silvio Romero que permeará a discussão presente neste artigo.

Assim como Romero pode ser considerado como pertencente a uma elite cultural, pelo seu poder de mediação, ele também moldou sua percepção de mundo através do poder de mediação de outros intelectuais que defendiam teorias raciais provindas das escolas etnológico-biológica, histórica ou do darwinismo-social, surgidas no decorrer do século XIX na Europa e nos Estados Unidos.

Na escola etnológico-biológica, surgida nos Estados Unidos na década de 1840 e 1850, delimitava-se que o biológico, a raça<sup>ccclxvi</sup>, determinava o cultural. Ou seja, de acordo com essa concepção, a raça branca seria entendida como superior tanto em qualidades mentais como sociais, expressas na construção de civilizações. Para sustentar teses surgidas nessa escola criou-se um método tido como “científico”, a antropometria.

No Brasil, Louis Agassiz, zoólogo suíço e estudioso de Harvard, teve grande repercussão entre os intelectuais brasileiros. Sua *Journey in Brazil* foi amplamente citada por eles. Agassiz defendia a idéia da degenerescência mulata e da existência de diversas raças inatas que se delimitaram de acordo com as diferentes regiões climáticas. Como nos ressalta Márcia Regina Capelari Naxara:

Agassiz parte do princípio de que toda miscigenação é condenada. Faz a apologia da pureza racial tomando como exemplo tanto as espécies animais como humanos, tendo a natureza como grande modelo.<sup>ccclxvii</sup>

Alguns membros mais extremados dessa escola, defendendo a poligenia, acreditavam que os mulatos seriam incapazes de terem filhos devido à incompatibilidade racial.<sup>ccclxviii</sup> Romero perpassou rapidamente sob a influência dessa concepção ao dizer que:

os mais competentes naturalistas demonstraram que as raças demasiado distanciadas pouco coabitam e, quando o fazem, ou não produzem, ou se produzem, são bastardos infecundos, depois da segunda ou terceira geração.<sup>ccclxix</sup>

Outra escola que teve grande influência no Brasil foi a histórica, surgida nos Estados Unidos e na Europa. Entre os brasileiros o estudioso francês Arthur Gobineau (1816-82) alcançou notoriedade. Gobineau acreditava que a raça era o fator determinante da história humana e que a raça branca era superior a todas. Houve um culto do arianismo e do anglo-saxão, que se expandiu depois a um termo referente para toda raça branca. Como Lilia Moritz Schwarcz destaca, na concepção de Gobineau previa-se “a impossibilidade do progresso para algumas sociedades compostas por ‘sub-raças mestiças não civilizáveis’”.<sup>ccclxx</sup>

Romero concordava com a existência dessa raça superior, inclusive expõe a Região Norte do Brasil, no seu livro *A imigração e o futuro da raça portuguesa no Brasil*, como tendo uma população “superabundante das raças inferiores; pois não devemos esquecer que os negros, índios e mestiços dessa região excedem de muitos os brancos puros ou pretendidos tais”.<sup>ccclxxi</sup>

Já a escola do Darwinismo-social defendia a existência de um processo evolutivo entre as raças. Afirmava que, dentro desse processo histórico evolutivo, as raças superiores iriam predominar, estando as outras fadadas ao desaparecimento. Entre os intelectuais dessa escola encontramos Spencer, Le Bon, Lapouge, Spencer e Buckle, autores muito lidos por Tobias Barreto, professor da Universidade de Direito de Recife e, por sua vez, professor de Silvio Romero, acarretando assim, como Lilia Moritz Schwarcz enfatiza a “entrada de todo um jargão evolucionista que em Recife teve larga aceitação”.<sup>ccclxxii</sup>

A partir dessa década[1870], como dizia o professor Phaelante Camara, “o darwinismo sentiu-se a vontade na congregação e nos bancos acadêmicos”(RAFDR, 1904:17) e a faculdade toma tal identidade que o grupo de seguidores do germanismo de Tobias Barreto passa a se autodenominar “os renovadores da Escola de Recife”(Documentos FDR, 1875).<sup>ccclxxiii</sup>

Silvio Romero, auto-definia-se como sendo um darwinista social. Enxergava o Brasil como produto de três raças: o branco europeu, o africano e o índio. Dentro dessa concepção evolucionista, definia os índios como “certamente os mais decaídos na escala etnográfica”.<sup>ccclxxiv</sup> Dizia

que o gene africano tinha contribuído mais que o gene índio para a nova raça, chegando a descrever o preto como um “agente robusto, civilizador” que ajudara a nova raça a adaptar-se ao clima tropical.<sup>ccclxxv</sup>

Como nos indica Lilia Moritz Schwarcz, Silvio Romero “afastou-se dos modelos teóricos puros para encontrar no mestiço ‘a condição de vitória do branco no país’.” Márcia R. Capelari Naxara também compartilha essa concepção, assinalando que, para Silvio Romero:

A formação da nacionalidade significaria, necessariamente, a vitória do branco sobre os outros dois elementos que a compuseram originariamente. Esse branco/ mestiço superior venceria os fracos (negros e indígenas) e estaria adaptado ao meio. Assim se constitui e se (re)atualiza o mito fundador do povo brasileiro assentado nas três raças formadoras originais.<sup>ccclxxvi</sup>

Todas essas idéias racistas, que circulavam nas escolas européias e estadunidenses citadas, acabavam por justificar “cientificamente” o êxito econômico e político da Europa no século XIX. Enfim, os intelectuais pertencentes a essas escolas acreditavam, de acordo com essas distintas e similares teorias, que

tinham atingido o poder econômico e político superior ao dos outros devido à hereditariedade e ao meio físico favoráveis. Em resumo, os europeus do Norte eram as raças “superiores” e gozavam do clima “ideal”. O que, por certo, implicava em admitir que as raças mais escuras ou climas tropicais nunca seriam capazes de produzir civilizações comparativamente evoluídas.<sup>ccclxxvii</sup>

Essa concepção mediou uma série de discursos de intelectuais brasileiros, principalmente a partir da segunda metade do século XIX. No trecho a seguir, podemos observar, por exemplo, Silvio Romero expondo os mestiços como seres “organicamente impróprios para criar”:

É este o mal de nossa habilidade ilusória e falha de mestiços e meridionais, apaixonados, fantasistas, capazes de imitar, porém organicamente impróprios para criar, para inventar, para produzir coisa nossa e que saia do fundo imediato ou longínquo de nossa vida e de nossa história.<sup>ccclxxviii</sup>

Tal como em Silvio Romero, essa concepção do Brasil estar fadado ao atraso, de ser incapaz de se civilizar, perpassou por uma série de discursos de intelectuais pertencentes à elite cultural brasileira da época.

Silvio Romero procurou, em seus discursos tecidos nos livros *O Alemanismo no sul do Brasil* e *A imigração e o futuro da raça portuguesa no Brasil*, encontrar soluções para esse fado, expondo o que Homi Bahba chamou

de *desejo de mímica* como forma de amenizar tal sina, do Brasil ser incapaz de se civilizar.

A mímica, segundo Homi Bhabha, “é o desejo de um Outro reformado, reconhecível, *como sujeito de uma diferença que é quase a mesma mas não exatamente*[grifos do autor] [...] emerge como representação de uma diferença que é ela mesma um processo de recusa.”<sup>ccclxxix</sup>

Sendo assim, noções como “civilizado”, expostas em discursos como o de Silvio Romero no período discutido, foram moldadas sob mediação das teorias raciais e são

noções históricas, densa em sua materialidade, definidora de espaço e, que nascem em algum momento e que têm efeitos práticos não negligenciáveis sobre as pessoas. Designam uma gama de práticas, de sujeitos, de atitudes e comportamentos específicos, reunidos e agrupados artificialmente a partir de um determinado lugar. Por isso, precisam ser historicizadas, desconstruídas, desnaturalizadas, num gesto eminentemente político.<sup>ccclxxx</sup>

E, para entendermos a tentativa de se construir esse sujeito dito “brasileiro civilizado”, enfocaremos um conjunto de práticas que compõe o que Foucault denominou de “artes de existência”. Tais práticas visariam construir o sujeito brasileiro justamente através dessas “técnicas de si”. Ou seja, são

práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo[dito civilizados].<sup>ccclxxxi</sup>

Silvio Romero, no seu livro *A imigração e o futuro da raça portuguesa no Brasil*, propõe a prática do branqueamento. Romero perpassa em seu discurso uma angústia com a questão do branqueamento estar ocorrendo apenas na região Sul, enquanto na região Norte não ocorria. Justamente nessa região onde, segundo ele, “se deu o maior mestiçamento com as duas raças inferiores, predominando o mulatismo em uns pontos e o caboclisto em outros”<sup>ccclxxxii</sup> Menciona a “superabundância do sangue índio e africano” como um problema e propõe que o “meio de formar no Brasil uma nação forte é atrair a colonização estrangeira por modo inteiramente diverso aquele que tem sido até agora praticado.”<sup>ccclxxxiii</sup> Ou seja, através de um sistema de colonização integral do país.

No livro *Alemanismo no Sul do Brasil*, Romero propõe novamente a prática do branqueamento. Preocupava-se com a formação de guetos alemães no Brasil, o que impediria sua integração com os brasileiros, não ocorrendo assim a miscigenação e, conseqüentemente, a prática do branqueamento.

Uma das justificativas apresentadas por Romero para a formação desses guetos era que os alemães tinham uma “origem e educação superiores aos latinos e indígenas, recusam a se tornar assimilados por uma civilização inferior”.<sup>ccclxxxiv</sup>

#### Apontava como problema

o atual sistema, rotineiro e perigoso, que além do atraso e da apatia geral que produz traz, fatalmente o desequilíbrio entre o norte e o sul do país com o desastrado regime de colonização que se tem seguido.<sup>ccclxxxv</sup>

Romero propõe “facilitar esse povoamento do país em todas as direções, levando estradas de ferro por toda a parte, que sirvam para articular, por assim dizer, este imenso corpo”.<sup>ccclxxxvi</sup> E evitar “a desnacionalização crescente do Brasil meridional”.<sup>ccclxxxvii</sup>

Em *A Imigração e o futuro da raça portuguesa no Brasil*, Romero já pontuava:

[ao] fim de seis ou oito gerações, digo mal, no fim de quatro ou cinco, a serem realizados os sonhos de certos pretendentes vistosos e pedantes, todo o sul do Brasil estará, além de outras causas naturais, com uma enorme população estrangeira, totalmente diversa da do resto do país e a sua separação, a sua independência será inevitável.<sup>ccclxxxviii</sup>

Romero via essa ocupação por estrangeiros, nessa circunstância, não como algo positivo e sim como algo que representava uma ameaça, pois os alemães e italianos no sul do Brasil, segundo ele, não se misturavam com as chamadas “raças inferiores”, formando-se guetos.

O problema explanado por Romero é que “os nossos teutos não desejam fazer parte do império como colônia; como dependência política; aspiram a formação de um novo Estado, um Estado independente”.<sup>ccclxxxix</sup> E defende que, em um momento posterior, isso desencadearia uma guerra em que o Brasil perderia as suas terras.

Esse problema, segundo Romero, não ocorreria nos Estados Unidos, pois os imigrantes alemães misturavam-se com a população estadunidense, não havendo assim a imanência da cultura alemã.

Os Estados-Unidos são um país de um clima quase uniforme com exceção do território, comparativamente pequeno, do extremo sul às margens do Golfo Mexicano. Possuia já uma população enérgica, apta a assimilar a de seus parentes alemães, quando eles começaram a afluir para ali. E estes espalharam-se por toda a extensão do território, não indo acantear-se em um ponto, como se tem feito no Brasil. A nova população formouse e cresceu, sem mudar de aspecto[...] Todos são americanos e falam inglês.<sup>cccc</sup>

Nesse discurso, podemos observar um rápido perpassar pelo determinismo, influenciando na concepção de que o Brasil, ao contrário dos Estados

Unidos, possuía um clima heterogêneo, “dificultando” assim a ocupação dos estrangeiros em toda sua extensão.

No entanto, Romero, nesse mesmo livro, poucas páginas depois, contesta as “idéias justas e científicas” deterministas, que desacreditavam “no clima de todo o norte e declarar aptas para a colonização somente as quatro províncias do sul”<sup>cccxcxi</sup>. Contesta os “espíritos tacanhos europeus... que espalharam por toda parte o descrédito do bom clima do norte e a sua mortalidade para o europeu”<sup>cccxcii</sup>, evitando assim um branqueamento uniforme.

Ao mesmo tempo em que criticava o determinismo, Romero foi muito importante para a propagação das idéias deterministas ao traduzir, na íntegra, as oito páginas em que Buckle<sup>cccxciii</sup> analisava o Brasil, no livro *História da Civilização na Inglaterra*, no seu livro *História da Literatura Brasileira*.

Logo, delineia-se no entrelaçar desses discursos a angústia sentida por Silvio Romero no sentido de fazer com que o Brasil superasse o fado e conseguisse civilizar-se. Esse desejo de superar o mito do fado<sup>cccxciv</sup>, desencadeou o apontar de duas soluções. A primeira, como observamos nos trechos dos discursos de Romero, citados anteriormente, seria através da consolidação da emergência de um branqueamento. E a outra seria através da educação, uma outra “prática de si”, que foi apenas pincelada na *Imigração e o futuro da raça portuguesa no Brasil* e enfatizada no livro, *O Alemanismo no Sul do Brasil*, escrito posteriormente, ao reelaborar as idéias de Tobias Barreto:

Conhecedor dos perigos que dali proveriam ao Brasil, procurou substituir o alemanismo da imigração pelo germanismo da ciência, da cultura, da educação, da fortaleza moral, único capaz de nos aparelhar para resistir.<sup>cccxcv</sup>

Há assim um “desejo de emergir como ‘autêntico’ através da mimíca”<sup>cccxcvi</sup>, de nos constituirmos como um povo de “raça branca” capaz, de acordo com as concepções raciais européias e estadunidenses, de se civilizar .

Esse “desejo de emergir como autêntico” perpassou nos discursos, tanto de Silvio Romero como de outros intelectuais brasileiros pertencentes à elite cultural da época, tais como Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Graça Aranha. Ou seja, intelectuais que tinham um considerável poder de mediação ao inserirem-se dentro de uma ordem do discurso no período da Primeira República no Brasil.

Podemos observar que essa elite cultural brasileira, como foi o caso de Silvio Romero, moldou sua percepção através do entrelaçar de suas respectivas concepções às de outras elites culturais ( a européia e a estadunidense), refletindo o intenso poder de mediação dessas últimas perante a primeira. Essas percepções, circunscritas dentro de uma ordem discursiva da Primeira República, expressavam, segundo Bhabha, um *desejo da mimíca* que acabou por delinear o problema do mito do fado, do Brasil nunca conseguir se civilizar.



A angústia desencadeada por esse desejo da mímica delineou as soluções apontadas por Silvio Romero, como a de superarmos o fado através do branqueamento ou talvez através da educação. No entanto, de acordo com essa concepção, guiada por esse desejo da mímica, o Brasil conseguiria apenas se assemelhar aos “brancos civilizados” europeus e estadunidenses, mas não alcançá-los. Enfim, o Brasil conseguiria chegar a “uma forma de semelhança que difere da presença e a defende”<sup>cccxcvii</sup>, articulando-se assim numa alteridade interdita, ou seja, não permitida dentro dessa ordem discursiva.

---

## Notas

- <sup>1</sup> CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. Campanha de Canudos. 36 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995, p88.
- <sup>ccclviii</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças*. Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil(1870-1930).São Paulo: Cia das Letras,1993.p.18.
- <sup>ccclix</sup> idem.p.19.
- <sup>2</sup> SIRINELLI, Jean Françoise. *As elites Culturais*. IN: SIRINELLI, Jean Françoise & RIOUX, Jean Pierre. *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998, p.162.
- <sup>ccclxi</sup> SKIDMORE, Thomas E. *Preto no Branco*. Raça e Nacionalidade no pensamento brasileiro; trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p.123.
- <sup>ccclxii</sup> SIRINELLI, Jean Françoise. op.cit., p.275.
- <sup>ccclxiii</sup> Ibid., p.276.
- <sup>ccclxiv</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996, p.37.
- <sup>ccclxv</sup> FOUCAULT, Michel. op.cit., p.48.
- <sup>ccclxvi</sup> O uso recorrente da palavra “raça” neste artigo ocorre em função deste conceito ser predominante à época, refletindo a concepção do período analisado.
- <sup>ccclxvii</sup> NAXARA, Márcia R. Capelari. *Cientificismo e Sensibilidade Romântica*. Em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX. Brasília: UNB, 2004.p.195.
- <sup>ccclxviii</sup> A origem da palavra “mulato” retrata a preocupação com a possível esterilidade. Tanto em espanhol quanto em português, “mulato” provém de mula, animal estéril.
- <sup>ccclxix</sup> ROMERO, Silvio. “Carlos Frederico F. de Martins e suas idéias acerca da História do Brasil”(Revista da Academia Brasileira de Letras,v.3,n8,pp.245,264-65, 269-71,1912).APUD: SKIDMORE, Thomas E. op.cit., p.73.
- <sup>ccclxx</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op.cit.,p.64.
- <sup>ccclxxi</sup> ROMERO, Silvio. *A Imigração e o futuro da raça portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro,1891. p.6
- <sup>ccclxxii</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz.Op.cit.,p.149
- <sup>ccclxxiii</sup> idem.
- <sup>ccclxxiv</sup> ROMERO, Silvio. *A literatura Brasileira e a Crítica Moderna*. Rio de Janeiro,1880.p.98.APUD: SKIDMORE, Thomas E. op.cit., p.51.
- <sup>ccclxxv</sup> ROMERO, Silvio. História da literatura, p.108. APUD: SKIDMORE, Thomas E. op.cit., p.52.
- <sup>ccclxxvi</sup> NAXARA, Márcia R. Capelari.Op.cit.,p.135.
- <sup>ccclxxvii</sup> SKIDMORE, Thomas E. op.cit., p.44.
- <sup>ccclxxviii</sup> ROMERO, Silvio. Machado de Assis, Rio de Janeiro: Laemmert&C, 1897,p.121. APUD: SCHWARZ, Roberto. *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.39.
- <sup>ccclxxix</sup> BHABHA, Homi. K.*O local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003, p.130.

- <sup>ccclxxx</sup> RAGO, Margareth. *Libertar a História*. IN:ORLANDI, Luiz B.L.e VEIGA-NETO, Alfredo (org). *Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzchianas*. Rio de Janeiro: DP &A, 2002, p.265.
- <sup>ccclxxxi</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. V.2, *Uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Ed. Graal,1984,p.15.
- <sup>ccclxxxii</sup> ROMERO, Silvio. *A Imigração e o futuro da raça portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro,1891, p.5.
- <sup>ccclxxxiii</sup> ROMERO, Silvio. *Op.cit.*, p.10.
- <sup>ccclxxxiv</sup> ROMERO, Silvio *O Alemanismo no Sul do Brasil*. Seus perigos e meios de os conjurar. Rio de Janeiro: Heitor Ribeiro, 1906, p.63.
- <sup>ccclxxxv</sup> ROMERO, Silvio. *Op.cit.*, p.8.
- <sup>ccclxxxvi</sup> ROMERO, Silvio. *Op.cit.*, p.51.
- <sup>ccclxxxvii</sup> ROMERO, Silvio. *Op.cit.*, p.58.
- <sup>ccclxxxviii</sup> ROMERO, Silvio. *A Imigração e o futuro da raça portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro,1891, p.5.
- <sup>ccclxxxix</sup> ROMERO, Silvio. *O Alemanismo no Sul do Brasil*. Seus perigos e meios de os conjurar. Rio de Janeiro: Heitor Ribeiro, 1906, p.47.
- <sup>ccxc</sup> ROMERO, Silvio. *A Imigração e o futuro da raça portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro,1891, p.7.
- <sup>ccxcxi</sup> ROMERO, Silvio. *Op.cit.*, p.8.
- <sup>ccxcxii</sup> ROMERO, Silvio. *Op.cit.*,p.5.
- <sup>ccxcxiii</sup> Buckle, pensador inglês que exerceu forte influência na disseminação das idéias deterministas entre os intelectuais brasileiros.
- <sup>ccxcxiv</sup> Chamo de “mito do fado” a idéia recorrente, entre os intelectuais brasileiros no contexto do início da Primeira República, de acreditarem que o Brasil seria incapaz de alcançar a civilização.
- <sup>ccxcv</sup> ROMERO, *O Alemanismo no Sul do Brasil*. Seus perigos e meios de os conjurar. Rio de Janeiro: Heitor Ribeiro, 1906, p.54.
- <sup>ccxcxvi</sup> BHABHA, Homi. K. *op.cit.*, p.133.
- <sup>ccxcxvii</sup> BHABHA, Homi. K. *op.cit.*, p.135.